



A TRAJETÓRIA DE HERCÍLIA BATISTA HERCULANO: PERCEPÇÕES NARRADAS SOBRE A POTENCIALIDADE DA MULHER NEGRA E AS TENTATIVAS DE SUA INVISIBILIZAÇÃO

Ivangilda Bispo dos Santos¹

Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Programa de Pós-graduação em Educação, Belo Horizonte, MG, Brasil.

Resumo: O presente artigo visa abordar a trajetória de Hercília Batista Herculano – educadora popular, servidora pública, dançarina, artesã, restauradora e conservadora – a partir de suas memórias e vivências. O objetivo principal da análise é apresentar de forma introdutória seu percurso profissional e cultural, ressaltando sua resistência frente ao menosprezo em que o seu trabalho foi situado em alguns momentos. Por meio da entrevista semiestruturada, para contextualizar a narrativa apresentada, a seleção de alguns trechos foi realizada de forma relacional com quatro conceitos, nomeadamente: sexismo, racismo cotidiano, Movimento Negro educador e biografia. Constatou-se que apesar dos desafios impostos pelo racismo e o sexismo, fatores recorrentes em suas lembranças, essas discriminações não imobilizaram o percurso de vida de Hercília Herculano, o que não diminuiu a violência e o impacto desses processos em sua trajetória.

Palavras-Chave: Hercília Batista Herculano; Biografia; Antirracismo; Cultura popular.

THE TRAJECTORY OF HERCÍLIA BATISTA HERCULANO: NARRATIVES ON THE POTENTIALITY OF BLACK WOMEN AND THE ATTEMPTS OF THEIR INVISIBILIZATION

Abstract: This paper aims to analyse the trajectory of Hercília Batista Herculano – popular educator, public servant, dancer, craftswoman, conservator and restorer – through her memories and life experience. The main goal is to introduce her professional and cultural journey, highlighting her resistance in the face of the belittlement her work received at points. From a semi-structured interview, fragments were selected in relation to four concepts, namely: Sexism, Everyday Racism, Black Education Movement, and her biography. The challenges prospected from racism and sexism, recurring factors in her memories, did not immobilize the life trajectory of Hercília Herculano, which does not diminish the violent impact that these prejudices had in her life story.

¹ Historiadora e mestrandia em Educação: Conhecimento e Inclusão Social pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: ivangildabs@yahoo.com.br; ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3754-3212>

Keywords: Hercília Batista Herculano; Biography; Anti-racism; Popular Culture.

**LA TRAYECTORIA DE HERCÍLIA BATISTA HERCULANO:
PERCEPCIONES NARRADAS SOBRE LA CAPACIDAD DE LA MUJER
NEGRA Y LOS INTENTOS DE SU INVISIBILIZACIÓN**

Resumen: El presente artículo busca abordar la trayectoria de Hercília Batista Herculano – educadora popular, empleada pública, bailarina, artesana, restauradora y conservadora – a partir de sus memorias y vivencias. El objetivo principal del análisis es presentar de manera introductoria su trayectoria profesional y cultural, destacando su resistencia frente al menosprecio que su trabajo sufrió en ciertos momentos. Por medio de la entrevista semiestructurada, para contextualizar la narrativa presentada, la selección de algunos fragmentos fue realizada de forma relacional con cuatro conceptos: sexismo, racismo cotidiano, Movimiento Negro educador y biografía. Constatamos que a pesar de los desafíos impuestos por el racismo y el sexismo, factores recurrentes en sus memorias, esas discriminaciones no inmovilizaron el transcurso de la vida de Hercília Herculano, lo que no disminuye la violencia y el impacto de esos procesos en su trayectoria.

Palabras-clave: Hercília Batista Herculano; Biografía; Antirracismo; Cultura popular.

**LA TRAJECTOIRE D’HERCILIA BATISTA HERCULANO : PERCEPTIONS
NARREES SUR LA POTENTIALITE DE LA FEMME NOIRE ET LES
TENTATIVES DE L’INVISIBILISER**

Résumé: Cet article vise à aborder la trajectoire d’Hercília Batista Herculano – éducatrice populaire, fonctionnaire publique, danseuse, artisane, restauratrice et conservatrice – à partir de ses mémoires et de ses expériences. Le principal but de l’analyse est de présenter de manière introductive son parcours professionnel et culturel, en soulignant sa résistance devant le mépris que son travail a subi à certains moments. À l’aide d’un entretien semi-structuré pour contextualiser le récit présenté, on a réalisé la sélection de quelques passages tout en les mettant en relation avec quatre concepts clés : sexisme, racisme quotidien, Mouvement Noir éducateur et biographie. Il ressort que malgré les défis posés par le racisme et le sexisme, des éléments récurrents dans les souvenirs d’Hercília Herculano, les discriminations n’ont pas été suffisantes pour immobiliser son chemin de vie, ce qui n’atténue pas la violence et l’impact de ces facteurs sur sa trajectoire.

Mots-clés: Hercília Batista Herculano; Biographie; Antirracisme; Culture populaire.

INTRODUÇÃO

Este texto visa abordar a trajetória de Hercília Batista Herculano a partir de suas memórias e vivências. A iniciativa de elaborar o presente registro partiu da própria mulher investigada, que me propôs escrever sobre a sua relação com as palmas



barrocas, um objeto decorativo utilizado em vários ambientes, principalmente em altares de Igrejas Católicas. Inicialmente, estranhei o convite, em razão de sua motivação: considerar-se uma mulher negra invisibilizada. Aqui, cabe mencionar que andar pelas ruas do município de Sabará-MG com Hercília remete a fazer várias paradas ao longo do percurso, já que todos a conhecem. O seu intenso trânsito no âmbito cultural, ser integrante de uma família tradicional na cidade e seus vínculos institucionais explicam esse fato. Curiosa, perguntei o porquê de realizar tal produção, e ela me disse que muitas pessoas em sua cidade ficam incomodadas por ela ser uma mulher preta que faz palmas barrocas, algo que veio da nobreza, relacionando-se a um racismo velado, invisível.

Sua resposta me fez refletir sobre conhecer e/ou exibir a imagem de determinada pessoa e ela ser ignorada ou supervalorizada em determinados espaços. Quando conheci Hercília em 2015, trabalhávamos na mesma instituição, o Museu do Ouro. Ao longo de quase dois anos frequentando vários lugares em Sabará, escutei várias frases dirigidas a ela, como “Essa negona é famosa”, “Nossa garota propaganda” e, em tom de repreensão, menosprezo ou disfarçadas de brincadeira, “Cala a boca!”, “Hercília não sabe de nada”, “Se você não se comportar, você vai ver. [...] E fica caladinha, senão eu te coloco no tronco”. Dessas, quatro entre as cinco frases foram ditas por homens. Nessas vivências compartilhadas, a questão do sexismo e do racismo gritaram apesar de Hercília ser conhecida no âmbito público sabarense. É inegável o constante vínculo de sua imagem ao seu ofício de fazer palmas barrocas, algo que também é feito em relação a outras artesãs sabarenses. Entretanto, nas relações cotidianas, o racismo opera tentando omitir a agência de Hercília Batista Herculano, que é constantemente subjugada ou ignorada em alguns espaços. Nesse sentido, propus a elaboração de um artigo em que o foco sejam as narrativas de Hercília, e não as palmas como as pessoas já costumam abordar. Afinal, o que significa a exibição da pessoa negra e/ou de sua produção sem o diálogo e mudança de atitude sobre as relações de gênero e raça?

Desse modo, o objetivo principal deste artigo é narrar parte da trajetória de vida dessa artesã, ao ressaltar o peso dos lugares sociais que ocupa, sua resistência frente ao racismo e ao sexismo, bem como o menosprezo no qual o seu trabalho e o seu engajamento estético foram situados em alguns momentos. Para a realização da presente análise, por meio do WhatsApp, aplicativo de mensagens instantâneas e chamadas de



voz e vídeos para smartphones, foi realizada uma entrevista semiestruturada focada na trajetória de vida de Hercília Batista Herculano. Associado a esse instrumento de pesquisa, cabe mencionar que “[...] a memória está envolta em poder, indistintamente de ser memória individual ou coletiva: poder de lembrar, poder de esquecer, poder de omitir, poder de silenciar, e poder de lembrar de forma ‘adocicada’” (LIMA, 2017, p. 155). Após a transcrição não naturalista² dos áudios, com a adequação da narrativa oral ao texto escrito, alguns trechos foram selecionados para serem transcritos³ com o intuito de integrar o presente texto em diálogo com quatro conceitos: sexismo (GONZALEZ), racismo cotidiano (KILOMBA, 2019), Movimento Negro educador (GOMES, 2017) e biografia (LEVI, 2002).

Segundo a historiadora e filósofa Lélia Gonzalez (1984), a questão da mulher negra brasileira perpassa violências simbólicas baseadas nas noções de mulata, doméstica e mãe preta. No processo de formação cultural, alguns desses papéis são socialmente rejeitados e outros integrados. Eis a justificativa de muitos acharem que mulheres negras, na classe média, são empregadas de suas próprias casas. No mesmo sentindo, a mesma pessoa categorizada como mulata no carnaval ou nos lugares públicos é identificada no cotidiano como doméstica. Ainda de acordo com Gonzalez (1984), ora a mulher negra é ridicularizada, ora colocada em um pedestal como inigualável, ora esquecida e recalçada. A vivência de Hercília perpassa esse imaginário: já perguntaram diversas vezes a ela se era doméstica; quando desfilava nas escolas de samba, ela era exaltada; com frequência, perguntam-na se é mãe de santo.

Salienta-se ainda que Hercília transita com frequência nos espaços culturais sabarenses e belo-horizontinos. Tem o seu ofício de artesã reconhecido internacionalmente, entretanto, muitas pessoas a ignoram e colocam em dúvida sua capacidade profissional. Em razão disso, muitas vezes a sua memória, a sua história e a

² A “[...] transcrição não naturalista privilegia o discurso verbal e centra-se na omissão dos elementos idiossincráticos do discurso, tais como gaguez, pausas, vocalizações involuntárias e linguagem não-verbal, apresentando-se, por isso, como uma transcrição mais polida e seletiva” (OLIVER et al., 2005 *apud* AZEVEDO, 2017, p. 161). Alguns trechos envolvendo terceiros não foram incluídos na transcrição a pedido da entrevistada e, neste texto, os assuntos abordados foram selecionados de acordo a regularidade e importância atribuídos por Hercília.

³ Na transcrição “[...] os relatos orais são propostos em forma de prosa como uma narrativa constante, na qual o entrevistador não aparece para dar lugar ao entrevistado, e este desenvolve seu pensamento e sua fala numa textualidade compreensível ao leitor que se fez ausente do diálogo inicial” (LIMA, 2017, p. 155). O objetivo “[...] é chegar ao texto mais depurado possível, transcrever como quem traduz, refazendo o percurso, reintegrando as narrativas, somando as partes enunciadas para que o sentido íntimo da história contada se estabeleça” (LIMA, 2017, p. 156).



sua experiência são desconsideradas ou diminuídas. Ademais, como afirma a socióloga Pollyanna Fabrini (2018), evidenciar processos sociais pela perspectiva feminina é essencial para ser superada a marginalização das mulheres negras na história.

O racismo encontra-se presente na narrativa de Hercília, sobretudo, como uma prática cotidiana. Compartilho de algumas reflexões de Grada Kilomba (2019), psicóloga e psicanalista nascida em Portugal, a respeito do assunto. Segundo ela, o racismo cotidiano é uma realidade experienciada traumática, ligada ao passado colonial e às fantasias das pessoas brancas em relação a como as pessoas negras deveriam ser. Em outras palavras, a pessoa negra é abordada como a representação que os brancos não querem se parecer, “a Outridade, isto é, como a personificação dos aspectos reprimidos na sociedade branca” (KILOMBA, 2019, p. 78).

Tal concepção não diz respeito ao sujeito negro, mas a um imaginário e projeção do branco sobre a negritude e ao seu desejo de mantê-los em silêncio, assim como manter a escravização, o colonialismo e o racismo a distância, quieto ou invisível. “O termo ‘cotidiano’ refere-se ao fato de que essas experiências não são pontuais. [...] mas sim [...] um ‘padrão contínuo de abuso’ que se repete incessantemente ao longo da biografia de alguém” (KILOMBA, 2019, p. 80).

Assim, o sujeito negro é percebido no racismo cotidiano como infantil/dependente; primitivo/atrasado/próximo da natureza; incivilizado/violento; animalizado/selvagem; erótico/exótico (KILOMBA, 2019). O racismo, no Brasil, especificamente, tem por característica principal sua aparente invisibilidade, ao mesmo tempo em que é sustentado por um imaginário da igualdade de raças, ou seja, o mito da democracia racial (GOMES, 2017). Portanto, não falar sobre as relações raciais construídas historicamente, é colaborar com a invisibilização do racismo e dos sujeitos afetados por esse processo.

O caráter educador dos movimentos sociais negros também é um fator de peso para a autoestima, reconhecimento e valorização da identidade racial de Hercília. A pedagoga Nilma Nino Gomes (2017) define o Movimento Negro como educador, produtor e articulador de saberes, tradutor intercultural das interpretações sobre raça realizadas no campo acadêmico, ator coletivo e político capaz de promover a emancipação sociorracial do sujeito negro – que o racismo visa regular e controlar. E, entre outras dimensões, o Movimento Negro é “responsável por trazer a arte, a corporeidade, o cabelo crespo, as cores da África para o campo da estética, da beleza,



do reconhecimento e da representatividade” (GOMES, 2017, p. 18). De modo complementar, a fim de superar as desigualdades raciais, a raça é ressignificada e politizada pelo Movimento Negro como algo emancipatório e não inferiorizante (GOMES, 2017). O posicionamento da historiadora Marjorie Nogueira Chaves (2008) também contribui para o debate ao afirmar que “[...] reivindicar a presença e a importância das mulheres negras nos movimentos sociais é chamar atenção para sua denúncia da instauração das desigualdades, assim como o questionamento sobre uma suposta fixidez da categoria ‘mulheres’” (CHAVES, 2008, p.11).

Outro conceito de extrema relevância é a biografia. De acordo com o historiador italiano Giovanni Levi (2002), o uso da biografia possibilita tanto acessar pensamentos da vida cotidiana como reconhecer que a narrativa formulada a respeito de determinado sujeito tem um caráter fragmentário, abarcando a questão dinâmica da identidade – inclusive os momentos contraditórios de sua constituição. Nesse sentido, cabe aos historiadores e historiadoras considerar que a cronologia não será sempre linear, nem a personalidade da pessoa investigada será coerente e estável, assim como suas decisões contemplarão incertezas. A linguagem da protagonista também pode ser paradoxal e contraditória (LEVI, 2002). Ao longo do presente texto, alguns desses elementos emergirão, mas não vão esvaziar a relevância social da mulher abordada ou tornará a análise menos rigorosa⁴. O foco será a dimensão pública de sua trajetória e a indissociável ligação entre o âmbito individual e coletivo. Metodologicamente, optei pelo caminho que articula biografia e contexto histórico a partir do “equilíbrio entre a especificidade da trajetória individual e o sistema social como um todo”, com o objetivo de demonstrar que as pessoas podem instaurar mudanças consideráveis apesar das relações de poder e desigualdades sociais (LEVI, 2002, p. 176).

O desenvolvimento da narrativa está estruturado em duas partes, a saber: na primeira, são relatadas as memórias de Hercília sobre sua juventude e os percursos profissionais que mais marcaram o seu depoimento. Na segunda parte, são elaboradas reflexões sobre o lugar que as palmas barrocas ocupam em sua vida.

LEMBRANÇAS DA JUVENTUDE, PERCURSOS PROFISSIONAIS E ENGAJAMENTOS

⁴ Por outro lado, fica o convite, as pesquisadoras interessadas, para fazerem uma investigação que contemple uma abordagem comparativa de fontes históricas – escritas, visuais e orais, pois podem somar consideravelmente para atualização e análise sistemática da trajetória de Hercília.



Em 30 de junho de 1954, nasceu Hercília Batista, segunda filha de Dona Maria Batista, que tinha a ocupação de dona de casa, e de *Seu Arino* Batista, funcionário da Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira. Alguns anos após a morte de Dona Maria, o pai de Hercília casou-se novamente. Eram nove irmãos ao todo: seis mulheres e três homens. Quando criança, Hercília vivia na rua Caieira⁵, em uma casa simples, mas com um quintal enorme, que ia da rua asfaltada até a beirada do rio do Sabará. *Seu Arino* aproveitava o terreno para ter criações, como porcos e galinhas, além de cultivar horta e ter plantação de milho e feijão. Quando a televisão e o liquidificador não faziam parte da rotina familiar, e o rádio podia ser ligado em momentos previamente combinados, a ocupação das crianças era tratar dos porcos, escorregar dos morros com casca de coqueiro e brincar no quintal. A felicidade era simples e constante – pelo menos nas lembranças narradas por Hercília.

Nesse contexto, estava ocorrendo um intenso processo de reestruturação social em Sabará. Devido à proximidade com a capital mineira, o município adquiriu a característica de “cidade dormitório”, e em razão do tombamento de bens imóveis pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, houve um estímulo à promoção do turismo (SILVA, 2010). Entre os edifícios tombados, estava a antiga Casa de Intendência e Fundação de Ouro, construída no século XVII, que seria transformada no Museu do Ouro na segunda metade da década de 1940. Esse processo de valorização patrimonial ocorreu entre 1938 e 1965 (SILVA, 2010), também contemplando outras cidades brasileiras. Paralelamente a essas dinâmicas, as pessoas estabeleciam variadas redes de sociabilidade.

Durante a adolescência de Hercília, *Seu Arino* era muito rígido. Ele acreditava que o melhor para suas seis filhas era que elas não estudassem e, na idade adequada, deveriam se casar para cuidar da própria família. Cabe contextualizar que, nessa época, os bailes eram muito populares e, mesmo com a vigília de seu pai, Hercília frequentava desde nova os eventos promovidos pelo Clube Mundo Velho. Um de seus tios, Geraldo Luiz, que era conselheiro dessa associação, levava e trazia suas sobrinhas quando eram jovens. Nesse clube, eram realizadas matinês, batalha de confetes e bailes de réveillon, ocasião em que todos iam na “estica”, ou seja, bem vestidos. Entretanto, o evento que se

⁵ Segundo Hercília, essa rua é conhecida em Sabará como Caieira por ter abrigado uma jazida de cal no local. Chama-se oficialmente Avenida Expedicionário Romeu Jerônimo Dantas e está inserida no bairro Caieira.



destaca em suas lembranças são os blocos de carnaval. Um de que se recorda com alegria é o desfile de carnaval em 1971, quando tinha apenas dezessete anos de idade, e o tema tinha sido a Copa do Mundo de 1970, ano em que o Brasil conquistou o título de campeão na competição sediada no México. Nesse período, o país estava sob o comando do governo de Emílio G. Médici (1969-1974), que aproveitou o desempenho da seleção para promover uma imagem positiva da nação brasileira. Em um momento político em que a repressão, a tortura e a censura estavam em seu auge em função da ditadura civil militar, instaurada em 1964, o Mundo Velho existia e resistia.

Segundo o antropólogo sabarense Marlon Marcelo, o Mundo Velho surgiu inicialmente como um bloco carnavalesco e, no decorrer dos anos, tornou-se um clube social. A finalidade do clube consta em seu primeiro Estatuto (1954): “a promoção de festas nacionais, musicais, esportivas; bailes e apresentações teatrais; e a criação, em tempo oportuno, de um curso de alfabetização e biblioteca” (MARCELO, 2018, p.43). De acordo com a documentação da época, foi fundado em 1896; mas, provavelmente, desde 1894, ocorriam batuques que originariam no clube. Sua primeira diretoria era composta por homens de posses, mulatos e brancos: José de Paula Pertence⁶ (branco), presidente; Eduardo Henrique Dias (ainda não foi identificada a sua atribuição racial), secretário; Francisco Rosa de Viterbo (mulato), tesoureiro; José Eloy de Souza (mulato), procurador; e Francisco Martins Pereira (ainda não foi identificada a sua atribuição racial), diretor-gerente. Também cabe mencionar a presença de José Pereira Vieira (filho) como integrante do clube. Canoeiro e posteriormente alfaiate, Vieira foi fundador da atual rua Pereira Vieira, na época conhecida como rua da Lagoa (MARCELO, 2020⁷).

Hercília também chegou a sair pelo Bloco Paraíso dos Moralistas. Lembra que, apesar de ser conhecido como uma escola elitizada, reconhecia o gingado, o saber sambar e a alegria do negro – principalmente no carnaval. Mas Hercília enfatiza que sempre vestiu a camisa do Mundo Velho⁸, “clube criado por ex-escravos [e seus

⁶ José de Paula Pertence era ex-proprietário de pessoas escravizadas (MARLON, 2020).

⁷ Ao consultar o pesquisador Marlon Marcelo, em julho de 2020, ele informou que a sua Monografia está desatualizada. Durante o seu mestrado em História pela Universidade Federal de Minas Gerais, cuja previsão de conclusão é abril de 2021, localizou outros documentos sobre o Clube Mundo Velho e me passou informações sobre essa instituição, até então não conhecidas.

⁸ Hercília desfilou por longos anos pelo Mundo Velho, sendo a última vez em 2016/2017. Atualmente ocupa a diretoria de eventos desse clube, mas já esteve envolvida em várias atividades. Diversas vezes



descendentes], porque os negros naquela época, em 1894, não tinham lugar para dançar” devido o impedimento de participarem de outros clubes sociais, como o Cravo Vermelho e o Farol. Acrescentou que as pessoas brancas não eram proibidas de participar, mas a supremacia não era branca, pois o Mundo Velho era destinado às pessoas negras (HERCÍLIA, 2020)⁹. A presença desse clube em sua vida e a marca que deixa em sua memória pode ser associada a uma postura antirracista na atualidade. Cabe mencionar que as associações são espaços extremamente relevantes na história da população negra brasileira. Abordando o caso dos clubes urbanos em Juiz de Fora, a socióloga Rita de Cássia Souza Félix Batista afirma o seguinte:

[...] a sociabilidade realizada por estes clubes foi fundamental no projeto de realização social da comunidade negra, na sua luta contra o racismo institucional e as imposições contrárias às necessidades da população negra de inclusão social. Afirmando também que a dimensão do lazer, dos bailes e festas, existiram dentro de um projeto de resistência coletiva e de uma forma de inserção social (BATISTA, 2015, p.195).

A conclusão de Batista, citada acima, pode ser estendida para o caso do clube Mundo Velho em Sabará. Retornando à trajetória de Hercília, no âmbito profissional, seu primeiro trabalho foi como empregada doméstica, e ela desempenhou essa profissão entre 14 e 18 anos de idade. Nos momentos em que realizava a limpeza, ficava reparando as meninas que passavam uniformizadas na rua e sentiu a necessidade de estudar para não continuar atuando em tal função. Lembra que no local de trabalho só podia comer o que sobrava na mesa. Assim que teve oportunidade, realizou a prova de seleção e ingressou na Escola Estadual Professor Zoroastro Vianna Passos. Atualmente, a respeito da profissão de trabalhadora doméstica, acredita que chegará um momento em que tal ofício irá acabar por causa do avanço da tecnologia. Embora tenha trabalhado nessa área, lembra com ar de revolta de pessoas que não a conheciam e sempre a associavam a tal profissão. Contou sobre o período em que trabalhava em uma

realizou desfiles de beleza negra para moças e rapazes e convidou grupos de dança afro para atuarem no espaço do clube, como o Batalha, Odum Orixás e Bloco Afro Magia Negra.

⁹ Como é perceptível, a interpretação de Hercília, como a de muitas pessoas em Sabará atualmente, não é alinhada integralmente com as informações encontradas na documentação do clube. É provável que essa discrepância narrativa ocorra por causa de uma demanda contemporânea em atribuir a fundação do clube Mundo Velho exclusivamente às pessoas negras, buscando enfatizar o protagonismo negro para afastar-se de narrativas que atrelam essas pessoas apenas à condição de escravizadas. Além disso, pode ser uma reação ao silenciamento, negligência ou representação estereotipada acerca da população negra geralmente presente nas narrativas de memória e história das cidades, processo resultante do “caráter estruturante e institucionalizado do racismo como elemento fundante das relações de poder que configuram a sociedade brasileira” (PEREIRA, 2020, p. 439).



loja na Savassi e uma senhora insistiu se ela conhecia alguém para indicar e Hercília respondeu o seguinte:

Por que a senhora acha que na minha casa tem? As minhas irmãs, todas, as que não têm magistério, tem Pedagogia. Uma é diretora de uma escola, a outra dá aula. A outra está fazendo curso de Pedagogia. E eu tenho curso de Magistério, mas não gosto de dar aula. Dei aula três anos e não vou dar (mais). Agora, só porque sou preta, negrona, você está achando que eu e minhas irmãs somos empregadas domésticas. Está escrito aqui na minha testa “empregada doméstica”? Qual é minha senhora, as coisas não são assim não! Empregada doméstica é digno. Só porque a gente é negro, preta, negrona, você acha que é empregada doméstica, porque para você é um serviço desqualificado (HERCÍLIA, 2020).

Após concluir o 1º grau, desejava fazer graduação de Educação Física porque praticou atletismo por um tempo considerável no colégio. Porém, a força da necessidade a fez procurar emprego nas áreas disponíveis. Conseguiu vaga em uma creche, ocupando o cargo de auxiliar de professora, sendo responsável pela parte recreativa das crianças. Essa experiência estimulou-a a fazer Magistério de 1º Grau (1981), professora de 1ª à 4ª série, no Colégio Prisma e, posteriormente, realizou um curso de Atualização de Professores de Educação Pré-Escolar (1980), na Associação Mineira de Ação Educativa (AMAE), uma instituição que era extensão do Instituto de Educação, localizado em Belo Horizonte. Atuou como docente na Escola Estadual Virgílio Guimarães, destinada aos funcionários da Companhia Siderúrgica *Belgo-Mineira*, e em uma creche pré-primária. Hercília relata que sofreu muita discriminação racial praticada por estudantes e colegas de trabalho, fazendo-a procurar emprego em outra área. Recorda-se de que a chamavam de negrinha, bonequinha preta e que o seu “dia era só o 13 de maio”. É importante pontuar que essa data é problematizada pelo Movimento Negro por omitir a luta dos sujeitos negros ao enfatizar o ato da princesa Isabel de ter assinado a Lei Áurea em 1888¹⁰, que oficialmente extinguiu a escravidão no Brasil.

Em 1977, após ter se formado em Magistério e depois de sua experiência no contexto escolar, foi trabalhar na Legião Brasileira de Assistência (LBA). Nesse órgão,

¹⁰ Em outras palavras, o 13 de maio remete à uma suposta benevolência branca em relação aos negros, vistos como passivos nesse processo. De acordo com Gomes (2017), por um longo tempo foi a única data lembrada e comemorada nas instituições escolares relacionada às pessoas negras. Atualmente, devido o empenho do Movimento Negro, é abordada, mas como uma data para ser denunciada a discriminação racial. Em contraposição, há o dia 20 de novembro, data da morte de Zumbi, líder do quilombo dos Palmares, em que é enfatizado os sujeitos negros que resistiram ao sistema escravagista (GOMES, 2017).



teve a oportunidade de atuar no posto do bairro Pompéu e no Centro¹¹ de Sabará com o acompanhamento de crianças desnutridas, auxiliando na pesagem, vacinação, encaminhamento médico, palestras informativas para as mães, além do acompanhamento das gestantes. Hercília acrescenta que as dependências da LBA ficavam localizadas no posto de saúde, sendo que lá também eram realizadas orientações a respeito da violência doméstica e métodos contraceptivos. Relata que ensinavam a fazer xampu, tapete, roupa de uniforme escolar, chinelo, sacola para criança, roupinha de recém-nascido e até o enxoval para mãe. Aproximou-se desse órgão público quando atuava em uma creche, localizada no bairro Paciência, que atendia 30 crianças por meio do projeto Casulo, atrelado a LBA.

Na LBA, Hercília também ensinava pintar, orientava sobre higiene pessoal e realizava cursos de bainha aberta. Afirma que, nos cursos de bordado, quando chegava o final do ano, era organizada uma exposição para venda dos produtos, sendo o dinheiro arrecadado destinado às mães. Com o apoio da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Estado de Minas Gerais (Emater), os funcionários da LBA auxiliavam na construção de hortas de fundo de quintal, dando sementes e distribuindo pés de limão e laranja. O órgão ainda promovia ações como plantio de Copo de Leite, doação de cestas básicas e campanhas de brinquedos, cobertores, agasalhos e campanha contra piolhos. Hercília relata que amava esse serviço, mas mesmo sendo próxima da comunidade, havia mulheres que preferiam ser atendidas por funcionárias brancas. Apesar dos desafios, orgulha-se em ter feito parte desse trabalho de assistência social, que considera “muito bonito”, e ter ajudado tantas pessoas em sua cidade quando tinha bastantes “bolsões de miséria”. Como resultado desse trabalho, ganhou muitos afilhados em razão da proximidade que estabeleceu com várias mães. Lembra-se de que as pessoas, em alguns locais, eram muito carentes e quando ela chegava aos morros, só a faltavam carregar.

O povo era muito pobre naquela época. Agora que melhorou a situação. O povo não tinha luz, não tinha água encanada. Hoje, no (bairro) Córrego da Ilha, aqui, em Sabará, parece uma cidade. [...] (Mas antes) A rua não era calçada, era uma buraqueira *danada* que eu subia. Eu fazia o que podia para ajudar esse povo (HERCÍLIA, 2020).

¹¹ Trabalhou em vários bairros, por exemplo, Morro da Cruz, Morro São Francisco, Fogo Apagou (bairro conhecido atualmente como Adelmolândia), Caieira, Córrego da Ilha, Campus Santo Antônio e Alto do Cabral. Sobre sua atuação no posto do bairro Pompeu, Hercília relatou o seguinte: “Até dormia lá. Gente, eu vinha embora com galinha, sacolas de manga, sacolas de verdura. Tudo que eu queria fazer lá no Pompeu dava certo” (2020).



Cabe contextualizar que esse órgão assistencial foi fundado pelo Estado Novo (1937-1945), na década de 1940, sob o comando de Darcy Vargas, primeira-dama da República. Visava promover uma política social que efetivasse ações a favor da infância, da criança e da maternidade no Brasil. Composto em grande parte por mulheres, tinha um caráter tutelar que marcou o desenvolvimento da assistência social no contexto brasileiro. As mulheres mobilizadas pela LBA recebiam uma formação que as incentivavam a expressar na esfera pública a atuação delas nesse órgão (JUNIOR, 2019).

Durante a sua atuação no âmbito assistencialista, Hercília casou-se e adotou o sobrenome Herculano. Com a extinção da LBA, em 1995, foi realocada para o Museu do Ouro, na época, sob a responsabilidade do IPHAN; atualmente, vinculado ao Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM). Com o intuito de potencializar sua contribuição para essa instituição, realizou o curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis (1977) na Fundação de Arte de Ouro Preto (FAOP). Nessa instituição, também realizou o curso de Revitalização de Edificações (1997) com especialidade em Pintura. Para realizá-lo, Hercília teve de conciliar a rotina de trabalho no museu, essa formação profissional e demandas domésticas. Concluiu o curso após superar muitos desafios como a distância, horário de trabalho, dinheiro para alimentação e deslocamento. Entre os trabalhos que executou na função de restauradora, destaca o forro do Salão Nobre do Museu do Ouro, que foi a sua primeira experiência na área quando ainda era estudante na FAOP e, posteriormente, realizou a fixação, limpeza e pequenas reintegrações em algumas peças. Orgulha-se de ter colaborado na proteção da estátua de São Jorge e na pintura da artista alemã *Martha Loutsch*, também pertencentes à instituição museológica.

Hercília ressalta que a peça que mais gosta no Museu do Ouro é a Sant'Anna Mestra, do mulato Antônio Francisco Lisboa, vulgo Aleijadinho, que classifica como uma obra sublime. Ainda hoje atua nessa instituição como conservadora. Nesse sentido, realiza a observação do acervo, faz higienização com pincel macio, efetua fixação (quando há algum desprendimento) e executa pequenas intervenções quando necessário. Segundo a historiadora Isabella Carvalho de Menezes (2020), técnica de assuntos educacionais do Museu do Ouro, Hercília também faz a ponte entre muitas demandas dessa instituição e os vários sujeitos ligados ao âmbito cultural sabarense.



Paralelamente às suas atividades profissionais, Hercília atua de forma significativa no âmbito cultural. Entre outras organizações, já foi integrante do Odum Orixás, Samba de roda, Magia Negra e da Companhia *Bataka*. O *Bataka*, por exemplo, foi fundado pelo diamantinense Evandro Passos Xavier, em 20 de novembro de 1982, no encerramento do espetáculo *Valeu Zumbi*, realizado na Semana da Consciência Negra promovida pelo Sindicato dos Bancários de Belo Horizonte (XAVIER 2011). Segundo Xavier (2011), essa iniciativa recebeu a influência de movimentos sociais, como o Movimento Negro Unificado (MNU). Em suma, a aproximação de Hercília das manifestações culturais e dos movimentos negros no final da década de 1980 colaborou para o seu posicionamento antirracista.

A respeito da discriminação racial, Hercília afirma que muitos não aceitam o cabelo dela. Achrom no bonito curto ou alisado. Por causa do turbante, que começou a usar a partir de 2006, perguntam-na se é mãe de santo. Alega que essa indagação se deve ao fato de as pessoas não saberem que tal acessório está associado à sua identidade e à sua descendência africana, remetendo aos seus ancestrais que foram escravizados em Sabará. O turbante é uma de suas marcas identitárias e tem alegria em dizer que aprendeu sozinha a fazer as amarrações diferenciadas, muitas vezes, com tecido africano, a partir de sua criatividade, espiritualidade e ancestralidade. Tem mais de cinquenta turbantes e ao usá-los “se sente muito bem, feliz e iluminada”.

E se em alguns espaços recebe olhares “admirados”, que flertam com determinados estereótipos, em outros é encarada com feições assustadas ou é ignorada e até boicotada. Sobre o assunto, diz o seguinte:

Nossa Senhora Desatadora dos Nós, Nossa Senhora Perpétuo Socorro, Nossa Senhora Visitadora – eles nunca trouxeram essas imagens para visitarem a minha casa. [...] Eles (a comunidade católica) nunca me convidaram para fazer uma Novena de Natal. Por quê? Só que eu ergo a minha cabeça e me imponho como ser humano, como mulher preta. Não me deixo abalar. Faço minhas atividades. Vou à missa. Frequento terreiro. Eu sou da umbanda e nunca escondi de ninguém. Uso minhas roupas coloridas e meus turbantes. E para mim, não me importo. Eu sou eu. Eu sou uma mulher que não deixo me abater por esse racismo velado. Já aconteceram muitos casos aqui em Sabará comigo. [...] A gente precisa ser forte e saber aonde vai e o que quer. O desafio é estrutural e a gente não pode se deixar levar. Eu seguro a mão de toda mulher preta que quer caminhar e incentivo a estudar. Incentivo a dançar. Hoje, nós, mulheres pretas, temos que andar de mãos dadas. Sabe por quê? Se você não tiver de mãos dadas e ser forte, ter dignidade, eles te derrubam. Eles te deixam invisível. [...] (Mas) Horrível são eles, porque não sabem diferenciar o que o povo faz. O que a gente faz. O que a gente é (HERCÍLIA, 2020).



Entre a década de 1990 e anos 2000, houve um aprofundamento das relações de Hercília com a cultura e a religião afro-brasileiras. Ao considerar a religião uma das suas bases de fortalecimento e uma aliada contra o racismo, faz questão de deixar evidente a centralidade e o movimento intercultural dessa questão em sua vida:

Sou católica, frequentei a Assembleia de Deus por muitos anos, porque pai era católico e minha mãe era Assembleia de Deus. E tinha uma tia que é de candomblé. Mas a partir do momento que eu tomei consciência e quis ser eu mesma, não ir pela cabeça dos outros, eu optei pela umbanda. Sou umbandista. Isso não quer dizer que eu não frequente a Igreja Católica. Frequento sim. Participo de todos os cultos religiosos. Sou participante da festa da Nossa Senhora do Rosário. Sou Rainha Conga. [...]. Eu acredito e tenho fé nos meus orixás. Sem eles e Deus, eu não daria conta de viver nesse mundo. Eu não teria força e nem esperança para viver, porque a gente que é negro, a decepção é muita. O racismo dentro de uma instituição desqualifica. (Faz que) a gente fique à deriva. A gente tem que construir para gente uma vida digna [...], porque ele (o racismo) nos torna invisível. É preciso ter disposição para lidar com esse enfretamento [...] na prática do cotidiano (HERCÍLIA, 2020).

Entre os seus vínculos profissionais, a LBA ocupa um lugar afetivo intenso nas lembranças de Hercília, mas não fica de fora dos espaços em que sofreu discriminação racial – um desafio cotidiano que se impôs ao longo dos anos sob as mais diversas formas de manifestação. Por outro lado, os trânsitos de Hercília Batista Herculano revelam que ela foi uma educadora, agente e mediadora cultural em vários lugares que já atuou. A partir do relato de Hercília, percebe-se que ela conquistou suas experiências tendo como pilar a autoconfiança, o apoio de pessoas queridas e a participação em determinados espaços de sociabilidade. Sua trajetória como sujeito histórico bem como o reconhecimento e sua valorização social converge com a afirmação da socióloga Pollyanna Fabrini:

Acreditamos que a tomada de consciência da mulher negra favorece a compreensão da sua condição social e isso repercute no cenário social, político e cultural. Evidenciar essas histórias [...] é contribuir [*sic*] para que a luta dessas mulheres que nos antecederam não caia no esquecimento (FABRINI, 2018, p.11).

O OFÍCIO DE FAZER PALMAS: RESISTÊNCIAS E RESSIGNIFICAÇÕES

O grande orgulho de Hercília Batista Herculano é dominar o modo de fazer a palma barroca, objeto decorativo utilizado em altares de Igrejas Católicas, oratórios, casas, festas, entre outros ambientes. Já divulgou esse artesanato em vários meios de comunicação em massa, como em entrevistas para programas de televisão e jornais,



impressos e *online*. Em 2020, em razão de sua trajetória, foi premiada com o XI Prêmio Zumbi de Cultura – Cia Baobá Minas, na categoria Mulher Negra, e como resultado da excelência de seu trabalho como artesã, que dura mais de 30 anos, foi reconhecida por meio dos seguintes certificados: *Reconocimiento de Excelencia de la UNESCO para los productos artesanales del Mercosur (2012)* e *Membro da Rede Artesol*.

Segundo Hercília, a palma é símbolo de afeição espiritual, poder, riqueza, prosperidade e força. Essa peça enquadra-se no estilo rococó, cuja ascensão se dá a partir de 1760, e integra elementos ornamentais (FABRINO, 2012). As palmas ou palmetas são conchas que se misturam com folhas de palma ou folhagens estilizadas (elementos fitomorfos) e

[...] caracterizam-se por pequenos ramos, colocados em vasos ou não, dispostos no primeiro degrau dos retábulos. As palmas são usadas geralmente substituindo o grupo de banqueta nos dias festivos. Muitas vezes, [...] estendiam-se pelas laterais dos retábulos, sendo que, nas ordens, irmandades e confrarias mais ricas, poderia haver várias sequências de palmas de diversos tamanhos. Geralmente, são elaboradas em prata ou madeira dourada, raramente em ouro. Em alguns casos, as palmas poderiam resguardar algum fragmento de osso ou tecido de algum santo, chamada, assim, de palma-relicário (FABRINO, 2012, p.131).

De acordo com o historiador Raphael João Hallack Fabrino, esses objetos também fizeram parte das características do retábulo de Dom João V, em que todos os espaços disponíveis são preenchidos com ornatos dourados ou de cores escuras e, com o desenvolvimento do estilo, predominaram os relevos dourados, porém com fundo de policromia uniforme. A palma geralmente era feita em metais preciosos e era possível ser encontrada nas imagens sacras das Igrejas Católicas do período colonial brasileiro (FABRINO, 2012). Não por acaso, o primeiro contato de Hercília com as palmas se deu no ambiente religioso. Sobre essa lembrança, disse o seguinte:

[...] quando [...] estava bem novinha, eu ia na Igreja do Carmo e via a Igreja toda enfeitada de palma de papel, que era feita por Dona Judite. Era a coisa mais linda. As palmas sempre me encantaram. Então foi assim, o meu primeiro contato, quando eu ia na Igreja do Carmo à missa com minha tia (Rosa Batista) (HERCÍLIA, 2020).

Hercília conta, com firmeza, que existem pessoas que “não engolem uma negrona fazer esse trabalho, que veio com a nobreza. Hoje, uma negra pobre fazendo



isso? Elas me tratam com sorriso, mas é com sorriso verde¹² e amarelo. E não com sinceridade”. A artesã conta que a palma chegou ao Brasil por meio de Dom João VI, quando veio foragido de Portugal. Em Sabará, tal ofício chegou mediante uma família de descendência portuguesa que morava anteriormente em Santa Luzia. Em uma perspectiva pessoal a respeito do valor desse objeto, Hercília associa a sua identidade racial à beleza e magnificência das palmas: “por ser uma mulher negra, eu busco a narrativa ontológica do meu ser, do meu eu. Do meu ser como descendente de africano que assume minha negritude dentro do brilho, dentro do resplendor da palma barroca, sabe?”. Quando perguntada se faz arte ou artesanato afirmou o seguinte:

Eu nunca pensei ser uma artista. Eu sou ligada a cultura, na parte de artesanato, muito! Mas sou ligada a cultura popular também. Sou rainha Conga. Adoro congado. Adoro coisa de preto. Adoro samba. Tudo que remete os meus ancestrais, eu gosto. Gosto muito do espiritismo. Gosto muito da umbanda. Mexe muito com o meu eu interior. Então, a arte que existe dentro de mim, é essa arte do artesanato. É a arte popular. Amo Folia de Reis. Amo carnaval. Toda arte popular eu adoro. Adoro dançar, eu adoro. Adoro Samba. Adoro música Sertaneja. Adoro quadrilha. Toda arte popular mexe muito comigo. Fora aquelas que remetem a minha ancestralidade e me levam ao encontro dos meus ancestrais. A maneira de vestir, a maneira de amarrar meu turbante, isso me remete aos meus ancestrais e a minha identidade [...]. Agora, eu não me considero artista, eu me considero uma artesã. Já fui porta-bandeira também, durante uns cinco anos na escola de samba. Tudo que remete a cultura, a nossa cultura mineira, pode contar, está dentro de mim (HERCÍLIA, 2020).

Um paralelo interessante sobre essa questão envolve a noção do que pode ou não ser considerada arte. A partir da história de vida e das tapeçarias de Madalena dos Santos Reinbolt, que estão expostas no Museu Afro-Brasil, o historiador Delton A. Felipe e a artista Eliane C. Silva (2019) fazem uma contextualização sobre o assunto e afirmam que essa artista popular é atingida por tríplice invisibilidade: do gênero, da raça e da arte. Reconhecê-la como artista é ir contra paradigmas que hierarquizam as produções a partir de concepções estéticas ocidentais, que classificam algumas como arte e outras como artesanato ou arte popular. Tal debate nos instiga a refletir sobre o âmbito conceitual em que Hercília localiza a sua produção e sobre os possíveis motivos de tal perspectiva.

¹² Ao conversar por telefone com a Hercília no dia 27 de julho de 2020, ela me disse que falou a expressão errada. Ela quis dizer apenas “sorriso amarelo”. Optamos por manter a fala original e pedimos licença para fazer um paralelo com a intolerância racial muitas vezes revestida da valorização de uma família brasileira idealizada – branca, cisgênera, heterossexual e pertencente à classe média – que mobiliza as cores verde e amarela, em referência a bandeira do Brasil, na atualidade.



A aproximação de Hercília com o ofício de fazer palmas se deu após ganhar uma palma de presente que “ficou por um longo período em cima da mesa. Ela ficou feia, empoeirada, mas não dava para tirar poeira porque era de papel laminado, dourado e prata”. Quando entrou no Museu do Ouro, na área educativa, a diretora Sônia Barbosa perguntou a Hercília por que ela não aprendia a fazer tal objeto. Por meio desse incentivo, buscou algumas pessoas na cidade que detinham esse saber. Uma alegou que não tinha tempo e a outra disse que podia ensinar apenas aos familiares. Após essas respostas negativas, foi recebida por Dona Carmelita Monteiro, que havia sido discípula de Dona Judite de Assis Martins Pinto, neta de portugueses, que a ensinou a fazer palma de papel laminado. O ensino do ofício se dava após Hercília sair do trabalho no Museu do Ouro.

De certa forma, desde o começo, as relações que Hercília optou por estabelecer como artesã de palmas evidenciaram disputas em torno do ofício. Além disso, fazer palmas a ajudou financeiramente em uma fase de sua vida profissional e auxiliou a instituição a que estava vinculada a se aproximar da comunidade sabarense por meio de uma prática que extrapolava a dinâmica das mediações culturais baseadas em objetos musealizados. Quando compartilhou suas aprendizagens pela primeira vez, em uma oficina ofertada no Museu do Ouro, deparou-se com reações inesperadas:

A minha primeira oficina foi ótima, com mais de quinze alunos. E uma das alunas que sabia fazer palma entrou [...], e tudo (que eu fazia) [...] ela falava: “Não é assim! Tem que fazer assim”. Mas na hora de me ensinar, ela não quis. Mas eu fiz do jeito que Dona Carmelita me ensinou. Foi uma coisa meio humilhante [...].

(A) [...] oficina que eu ensinei tinha palma de papel prata com dourado, palma de papel laminado – na época era um papel bom, vermelho. E foi assim que eu me iniciei a feitura das palmas.

E eu estudava, fazia restauração em Ouro Preto. Então eu levava para vender e ajudar na passagem (HERCÍLIA, 2020).

No Museu do Ouro, chegou a oferecer aproximadamente dez oficinas de palmas quando a área educativa era sediada na Casa Borba Gato, anexo dessa instituição cultural. A respeito das suas produções, afirmou que apesar de todos em sua cidade acharem as palmas lindas, “o trabalho da negra não serve. Tem que ser das pessoas de



pele clara (branca)”, e associa esse comportamento aparentemente respeitoso¹³ ao racismo velado.

Cabe mencionar que, na década de 1990, o Museu do Ouro apoiou a difusão da técnica de fazer palmas em Sabará e se tornou um espaço de capacitação de novas gerações de artesãs e artesãos. Também foi nesse período que houve uma mudança significativa na materialidade desses objetos. Em 1998, foi elaborada uma nova técnica a partir da parceria entre a ABAPORU Escola de Artes, a Secretaria de Cultura do Estado de Minas Gerais e a Prefeitura Municipal de Sabará, com recursos do Fundo do Amparo ao Trabalhador (FAT). Vinculado à ABAPORU, o artista plástico e fotógrafo George Helt¹⁴ havia visto uma palma e considerado muito bonita. Diante disso, propôs a Hercília a realização de uma nova técnica de construção desse objeto. Após receber uma resposta positiva, elaborou palmas feitas de ouro, latão banhado a ouro e broches de prata. Muito empolgada com a novidade, Hercília informou a novidade a direção do Museu do Ouro e articulou uma parceria com a Prefeitura de Sabará e a Secretaria de Cultura, que aprovou o projeto e convidou o artista juiz-forense a ministrar uma oficina em Sabará. Para a primeira aula de palma barroca, banhada a ouro, Hercília convidou

[...] todas as senhoras que eram florista da cidade. Inclusive minha mestra, Dona Carmelita. E elas foram, com muito empenho, e fizemos a oficina [...]. Ele ensinou as palmas de papel diferenciada, e teve uma exposição no Museu. [...] Foi o maior sucesso (HERCÍLIA, 2020).

De acordo com Hercília Batista Herculano, que foi aluna do Helt, ela teve a iniciativa de elaborar palmas com material reciclável – latinhas de cerveja e refrigerante – visando à posteridade, acessibilidade financeira e facilidade da limpeza. Assim, as inovações e demandas socioambientais contribuíram para a adoção do cobre como material base. Segundo Hercília, houve resistência a essa adaptação por parte da comunidade. Alguns até alegaram que ela estava “denegrindo” a estética e o modo de fazer palmas – já que as folhas e o material utilizado eram diferentes do tradicionalmente utilizado. Atualmente a técnica com material metálico é reproduzida

¹³ O psicanalista Frantz Fanon chama essa situação promovida pelo racismo de pseudo-respeito (FANON, 2011).

¹⁴ Antônio George Salgado Helt é natural de Juiz de Fora – MG, formado pela Escola Guignard e fundador do Beco das Artes: Atelier de Arte e Artesanato. Realizou curso de gravura em metal, litogravura fotografia e fez diversas participações em exposições de arte e festivais. Recebeu vários prêmios devido a sua produção artística. Foi professor e diretor (1995) da Escola Guignard e presidente da Fundação Escola Guignard (1994). Ver: <https://comartevirtual.com.br/antonio-george-salgado-helt->



pelas artesãs e artesãos da comunidade sabarense – muitas delas ex-cursistas das oficinas ofertadas por Hercília. Cabe indicar que, ao contrário do reconhecimento dessa artesã nas questões ligadas a cultura negra em sua cidade, o modo como é tratada em relação as palmas é considerado por ela diferente, como é explicitado abaixo:

Toda vez que tem uma festa na cidade, católica ou não, nunca sou convidada (como artesã colaboradora). Sempre convidam outras pessoas. É como se eu ficasse invisível para eles. E eu sempre percebi isso. Fico sentida, mas para que eu vou reclamar? Eu parti para outros horizontes em vez de reclamar, ficar triste.

Eu pertencia a uma Associação de Artesanato, um dia eu cheguei, minhas palmas estavam no chão. [...] (Eu perguntei:) “Por que minhas palmas estão no chão?”. (A pessoa responsável disse:) “Ah, porque o espaço está pouco, eu coloquei as de fulano”. [...].

Procurei o SEBRAE e eu vendo para fora, mas na minha cidade eu não tenho vez. (Mas) Se eu quiser dar de presente, é um *bum* (um sucesso). [...].

Nunca me convidaram para dar oficina. Eu só fazia oficina no Museu (do Ouro), que era onde eu trabalhava e onde tinha espaço. Mas em outro lugar da comunidade não. Depois eu dei oficina, também, em Marzagânia, que é distrito de Sabará, (e) dei em General. Em Marzagânia, foi pela Fundação Sérgio Magnani. Em General foi pela prefeitura. No Museu do Ouro, eu cheguei a dar pelo Instituto Iara Tupinambá (HERCÍLIA, 2020).

Como reflexo da relevância histórica e social das palmas, em 2014, a Prefeitura Municipal inscreveu, no *Livro de Registros de Saberes*, o Registro do Modo de Fazer da Palma Barroca de Sabará, no qual recebeu o título de Patrimônio Cultural de Sabará (SABARÁ, 2010). Segundo Gustavo Werneck, a “ideia de reconhecer o modo de fazer as flores surgiu com a exposição *Palmas, terços e oratórios*, realizada todos os anos, na Semana Santa, no Teatro Municipal local” (WERNECK, 2012).

A história das palmas em Sabará¹⁵, a partir da década de 1990, está intrinsecamente relacionada com a trajetória da artesã Hercília Batista Herculano. Além de sua contribuição individual, percebe-se que há um evidente protagonismo feminino na realização desse ofício. Além disso, atualmente, a palma é difundida e valorizada no contexto sabarense, tem um uso religioso e cotidiano marcado pelo caráter ornamental, contemplativo e estético, sendo motivo de orgulho por parte de muitas pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

¹⁵ Nos últimos anos, as artesãs e artesãos adaptaram a técnica usada para elaboração de palmas e passaram a fazer brincos, arranjo de casamento, buques de noiva, colares, porta vela, estandarte de palma além de arranjos de mesa, parede e de cabelo. Essas práticas também são produzidas por Hercília Batista Herculano, com muito esmero e paixão, em seu pequeno ateliê, localizado em sua casa.



Constata-se que o percurso de vida de Hercília Batista Herculano, sobretudo no âmbito profissional, é marcado pelo racismo e o sexismo e, derivado desses, pela tentativa de subjugação e invisibilização de sua agência. Apesar de ser uma pessoa influente em sua comunidade, reconhecida nacional e internacionalmente, ainda sente o peso do racismo nas mais veladas ou explícitas formas, como piadas, silêncios e expressões de surpresa. Entretanto, o lugar social¹⁶ que ela ocupa – de mulher, negra, sabarense, católica, umbandista, educadora popular, servidora pública, dançarina, artesã, restauradora e conservadora – incomoda as expectativas de muitas pessoas que tentam testar a todo o momento a sua capacidade.

Percebe-se que a aproximação de Hercília dos movimentos negros fortaleceu a sua postura antirracista e colaborou com a sua construção identitária enquanto mulher preta e agente cultural. Na sua fala, isso é perceptível quando relata sobre seu cabelo crespo, o estilo de suas roupas, suas crenças religiosas e como é vista e abordada em determinadas situações. Apesar de se destacar socialmente, muitos fingem que não veem Hercília. Esse não é um caso isolado abarcando as pessoas negras no Brasil – que são potenciais alvos de racismo. Por outro lado, a sua ânsia de provar e deixar evidente a sua contribuição ao mundo instaura mudanças efetivas, mesmo que em âmbito local, e essa busca é uma ação contra a tentativa de imposição de um complexo de inferioridade.

Em outras palavras, as vivências de Hercília demonstram que o racismo e sexismo não a imobilizaram. Entretanto, essa realidade não inibe a violência e impacto desses processos em sua trajetória, demonstrando a urgente necessidade de políticas públicas que efetivem e aprimorem ações afirmativas que contribuam com a reparação de grupos sociais historicamente marginalizados, afinal, esses não são fatores que se restringem a um indivíduo.

FONTES

HERCULANO, Hercília B. [Vivências na juventude]. WhatsApp: [Entrevista concedida a XXX]. *Acervo pessoal*. 2020.

_____. [Atuação profissional e estética como afirmação política]. WhatsApp: [Entrevista concedida a XXX]. *Acervo pessoal*. 2020.

MARCELO, Marlon. [Identificação racial dos integrantes do Mundo Velho]. WhatsApp: [Entrevista concedida a XXX]. *Acervo pessoal*. 30 de jul. 2020.

MENEZES, Isabella Carvalho de. [A atuação de Hercília Batista Herculano no Museu do Ouro atualmente]. WhatsApp: [Entrevista concedida a XXX]. *Acervo pessoal*. 26 de jun. 2020.

¹⁶ É relevante pontuar que Hercília se autoidentifica como heterossexual e cisgênero. Devido ter trompas obstruídas não conseguiu ter filhos. É separada do ex-marido desde 1997 e divorciada desde 2018.

SABARÁ. Decreto número 1.112/2014. Dispõe sobre o Registro do Modo de Fazer da Palma Barroca de Sabará. *Prefeitura Municipal de Sabará*, 27 de novembro de 2014.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZEVEDO, Vanessa; CARVALHO, Margarida; FERNANDES-COSTA, Flávia; MESQUITA, Soraia; SOARES, Joana; TEIXEIRA, Filipa; MAIA, Ângela. Transcrever entrevistas: questões conceituais, orientações práticas e desafios. *Revista de Enfermagem Referência*. Série IV - nº 14 - Jul/set. 2017. p 159-168. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/jatsRepo/3882/388255675017/388255675017.pdf>>. Acesso em: 12 abr. 2021

BATISTA, Rita de Cássia Souza Félix. Clubes sociais negros na espacialidade urbana de Juiz de Fora/MG. *Tese (doutorado) em Educação* – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2015. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/20088/1/2015_tese_rcsfbatista.pdf>. Acesso em 12 abr. 2021.

CHAVES, Marjorie Nogueira. Introdução. In: As lutas das mulheres negras: identidade e militância na construção do sujeito político. *Dissertação (mestrado) em História*. Departamento de História. Universidade de Brasília. 2008. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/5601/1/2008_MarjorieNogueiraChaves.pdf> Acesso em: 12 abr. 2021

FABRINI (Silva), Pollyanna. A marginalização das mulheres negras na história. In: *X COPENE Congresso de pesquisadores negros*, 2018, Uberlândia. (Re) existência intelectual negra e ancestral, 2018. Disponível em: <https://www.copene2018.eventos.dype.com.br/resources/anais/8/1528322169_ARQUIVO_Marginalizacaodamulhernegranahistoria-PollyCOPENE.pdf> . Acesso em 12 abr. 2021.

FABRINO, Raphael João Hallack. Guia de identificação de arte sacra. *IPHAN*, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/guia_arte_sacra.pdf>. Acesso em 12 abr. 2021.

FANON, Frantz. Racismo e cultura. In: SANCHES, Manuela Ribeiro (org.) Malhas que os impérios tecem. Textos anticoloniais, contextos pós-coloniais. Lisboa: *Edições 70*, 2011.

FELIPE, Delton Aparecido. SILVA, Eliane Cristina. Mulher negra na arte popular: as tapeçarias de Madalena dos Santos Reinbolt. *Revista da ABPN*. v. 11, Ed. Especial - Caderno Temático: Cultura popular em cena: artes afro diaspóricas. Jul. de 2019, p.174-201. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/706/676>>. Acesso 12 abr. 2021.

GOMES, Nilma Lino. O Movimento Negro educador. Saberes construídos nas lutas por emancipação. 3ª reimpressão. Petrópolis, RJ: *Editora Vozes*, 2017.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, Anpocs, 1984, p. 223-244.

JUNIOR, José dos Santos Costa. Gênero, infância e política social no Boletim da LBA (Paraíba, 1947-1955). Temporalidades – *Revista de História*, ISSN 1984-6150, Edição 30, v. 11, n. 2 (Mai./Ago. 2019). Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/6214/12218>>. Acesso em 12 abr. 2021.



KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação. Episódios de racismo cotidiano*. 1ª ed. Rio de Janeiro: *Cobogó*, 2019.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos & abusos da história oral*. Rio de Janeiro: *Editora FGV*, 2002, p. 167-182.

LIMA, Reginâmio Bonifácio de. Estudos culturais e literatura oral do planejamento à transcrição, textualização e transcrição. *South American Journal of Basic Education, Technical and Technological*, Vol. 4, N. 2. p. 148-157, 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufac.br/index.php/SAJEBTT/article/view/1054/950>>. Acesso em 12 abr. 2021.

MARCELO, Marlon. “Êta Mundo Velho!”: associativismo negro, cidadania e civilidade no Clube Mundo Velho em Sabará (1887-1910). *Monografia do curso de graduação em Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais*. Belo Horizonte, 2018.

PEREIRA, Josemeire Alves. A eloquência dos silêncios: racismo e produção de esquecimento sobre a população negra em narrativas de memória das cidades. *Revista da ABPN* • v. 12, n. 34 • Set – Nov. 2020, p.439- 462. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/1145/973>>. Acesso em 12. abr. 2021.

SILVA, Jaqueline Pugnall da. Crescimento urbano de Sabará [MG]: modificação e conservação da cidade segundo seus instrumentos legais de planejamento. SILVA, J. P. da. Crescimento urbano de Sabará [MG]: modificação e conservação da cidade segundo seus instrumentos legais de planejamento. *Labor & Engenho*, Campinas [Brasil], v. 4, n. 2, p. 1-16, 2010. Disponível em: <www.conpadre.org> e <www.labore.fec.unicamp.br>. Acesso 26 jul. 2020.

WERNECK, Gustavo. Arte Barroca está prestes a ser imortalizada em Minas. *Jornal [online] Estado de Minas*. Postado em 25 jul. 2012. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2012/07/25/interna_gerais,307997/arte-barroca-esta-prestes-a-ser-imortalizada-em-minas.shtml>. Acesso em 26 jul. 2020.

XAVIER, Evandro dos Passos. Companhia de Dança Afro Bataka. Ações Artísticas, Socioculturais e Políticas. *Dissertação (mestrado) em Artes Cênicas*. Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/86887/xavier_ep_me_ia.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 12 abr. 2021.

Recebido em: 20 /12/2020

Aprovado em: 11 /03/2021